

A representação do ser social em Isaías Caminha

José Wellington Dias Soares

Graduado em letras pela UECE.

Especialista e mestre em literatura pela UFC.

Doutorando em história pela UFMG

103

RESUMO: Com este artigo, pretende-se analisar de que forma o escritor Lima Barreto constrói, no plano literário, o ser social no romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Com isso, consideraremos *Os princípios ontológicos fundamentais de Marx* (1972), de Georg Lukács, a fim compreendermos, à luz da dialética marxiana, o sujeito inserido no contexto da dinâmica histórico-social brasileira. Utilizaremos, ademais, *Literatura e sociedade* (2000), de Antonio Candido, que discute a importância do significado dos elementos externos para a estrutura interna do texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Romance brasileiro, Crítica literária, Ser social.

ABSTRACT: The present article intends an analysis on the way the writer Lima Barreto organizes in the literary plan, the social being in his novel *Recordações do Escrívão Isaías Caminha*. This way, we will consider *Marx's basic ontological principles* (1972) by Georg Lukács, aiming a comprehension, by the light of the marxian dialectics, of the subject inserted in the context of the brazilian social-historical dynamics. As theory, *Literatura e Sociedade* (2000) by Antonio Candido is going to be required, once it discusses the importance of meaning of external elements to the internal structure of literary text.

KEY-WORDS: Brazilian novel, literary criticism, social being.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Lima Barreto criou seu próprio estilo a partir da observação de si mesmo e da experiência da realidade de sua época. Sua estilização, sem se preocupar com a gramática normativa, surge da imbricação do homem incompreendido, inadaptável ao meio hostil em que vivia e à sociedade brasileira. A literatura que escreveu, que muitos julgam meramente personalista, traz no cerne um processo dialético, pois ressaltam-se no processo criador a subjetividade do autor e as condições objetivas da realidade.

É óbvio que em toda criação literária há a presença da subjetividade do autor, cujo objetivo é (re)criar uma dada realidade, com determinados meios, técnica e material. Entretanto, quando observamos detidamente determinadas obras em particular, o que se sobressai nelas é um elemento ou outro. Há casos em que o autor se destaca mais que a realidade ou vice-versa. No caso da obra literária barretiana há um entrelaçamento das forças de ambos os elementos, a ponto de tornar-se constante em toda sua produção escrita, seja ficcional ou não.

Nesse sentido, ninguém pode acusar Lima Barreto de falta de estilo, uma vez que “ter estilo não é possuir uma técnica da linguagem, é ter visão própria do mundo e dos seus

problemas e ser forçado a dispor ou a procurar uma linguagem adequada à expressão dessa linguagem interior.” (FIGUEIREDO apud TAVARES, 1978, pp. 99-100)

Dessa forma, o romancista carioca apreendeu o mundo à sua maneira e traduziu-o em arte literária a seu modo. O que se torna relevante nesse processo é o fato de que o escritor produzia numa época em que tanto a subjetividade do autor quanto a realidade representada diminuía em favor de certo culto pela forma fixa e abstrata.

Professor assistente do curso de Letras da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC/UECE. Doutorando em História pela UFMG.

Lima Barreto, entretanto, na esteira de um Eça de Queirós, vê e estiliza o que se coaduna com seu espírito inquieto e inconformado. Daí seu estilo ser também inquieto e inconformado. O que muitos críticos confundem, erradamente, com desleixo corresponde, na verdade, com um estilo próprio de captar, ao seu modo e gosto, toda uma tendenciosa escolha de motivos, pretextos e problemas.

Se a arte, segundo Fidelino Figueiredo:

(...) cria valores ideais que nascem circunstancialmente, que no fundo da realidade germinam, mas que logo viveram sua vida, como aquela bruma dos poentes úmidos que nasce da terra e logo a deforma fantasticamente numa superestrutura de sonho (...). (Idem. Ibidem. p. 20)

Podemos afirmar seguramente que ela é um processo dialético em si, pois influencia e é influenciada, constantemente, pelas forças exteriores a ela.

Tratando da arte literária o exposto acima se acentua, uma vez que ela:

(...) serve-se primordialmente de dois elementos: a mente e a palavra. Assim, a língua, que é, a um só tempo, meio de comunicação e possível forma de arte, será o veículo, a forma exteriorizadora da criação artística elaborada diretamente do espírito humano. A literatura é, então, uma arte ideomática e psíquica. (TAVARES, 1978, pp. 20-21)

O problema é que muitos escritores, no final do século XIX e início do século XX, supervalorizavam a forma, a língua, a palavra, em detrimento da mensagem, do conteúdo veiculado por elas. Lima Barreto objetivava justamente o contrário. A forma deveria ser despojada de arranjos mirabolantes e de expressões arcaicas, para transfigurar, de maneira clara, a realidade.

Outro ponto importante da citação de Hênio Tavares é a expressão “criação artística elaborada diretamente do espírito humano”. Nesse sentido, compreendemos que a forma é secundária no processo artístico, e que a criação artística vai para além dela. Vem do espírito

humano. Desse modo, é este que vai coadunar a linguagem ao temperamento artístico, à subjetividade, ao modo de ver o mundo, enfim, à verdade do autor.

Portanto, é complicado rotularmos um escritor de artista menor unicamente pela sua forma. Ainda mais se tratando de uma forma que tem tudo a ver com o espírito e o propósito artístico. Para além dessa palavra, então, existe um mundo plasmado pelo escritor. Seria o tema ou assunto que ele objetiva em obra literária.

Assim, é imprescindível compreender o período em que os artigos e crônicas de Lima Barreto foram publicados nos jornais, bem como as memórias e as cartas, como uma realidade social específica para a história do Brasil. Logo, analisaremos essa produção do escritor carioca como uma posição engajada socialmente, em que se confrontam a visão intersubjetiva do homem como ator e a sociedade brasileira da época. Há, portanto, uma relação dialética significativa no processo de escrita de Lima Barreto, uma vez que não há apenas uma apreensão, uma representação da realidade, mas um confronto permanente, uma tensão constante entre o homem e o meio social em que atuava.

Podemos, então, identificar a obra barretiana menos com uma forma personalista do que com uma expressão nacional. Entretanto, isso não significa dizer que ela seja isenta de motivações artísticas. Para Antonio Candido “talvez o Lima Barreto mais típico seja o que funde problemas pessoais com problemas sociais, preferindo os que são ao mesmo tempo uma coisa e outra” (CANDIDO, 2006, p. 47). Essa fusão de que fala Antonio Candido só é possível se considerarmos o cotidiano do escritor, pois nele podemos encontrar as condições necessárias e objetivas para construirmos a nossa própria maneira de compreender o sentido do homem na sociedade.

Na verdade, Lima Barreto constrói uma literatura cujo discurso traduz explicitamente o seu cotidiano e o do regime republicano. Francisco de Assis Barbosa (1988) relaciona constantemente a vida do romancista com sua obra literária, aproximando trechos literários com passagens da vida do escritor. Entretanto, o que importa mais para nossa pesquisa é construir uma análise que descubra o processo de criação literária, cuja base se encontra no cotidiano do escritor, tratando-se de Lima Barreto ou não.

Quanto ao cotidiano do regime republicano, como gerador de tensão no ato de elaboração da escrita literária, encontramos em Nicolau Sevchenko um estudo bastante significativo a esse respeito. Depois da leitura deste estudioso, passamos a entender melhor que os fatores políticos e culturais brasileiros estão, na verdade, subordinados à produção capitalista. Segundo ele:

Mas essa sintonia armada entre as correntes culturais e o modo de expansão do sistema capitalista traz uma contradição visível já na semente da sua origem. Esse sistema econômico tem como suas linhas de força principais o impulso à concorrência e ao conflito; enquanto que as doutrinas universalistas tendem todas para a máxima harmonia e solidariedade entre os homens.

(SEVCENKO, 1999, p. 121.)

Essa contradição nem sempre é observada pelos escritores. Então, há aqueles cujas obras têm a pretensão de alcançar “a máxima harmonia e solidariedade entre os homens” a partir de doutrinas universalistas. Dessa forma, temos a obra de um Coelho Neto que prima pela forma, mas é ausente de conflito porque, ainda que pertença a determinado contexto, procura se distanciar dele, caindo em abstração. Há, também nessa perspectiva, a obra de Afrânio Peixoto, que declara ser “a literatura o sorriso da sociedade”.

Lima Barreto, ao contrário, partindo do particular do cotidiano, considera o homem frente a frente com suas necessidades objetivas. Desse conflito entre o homem e o meio surge a possibilidade de uma visão dialética que substitui a doutrina positivista com pretensão universalista. A obra barretiana resulta, então, do embate de forças antagônicas que existiam no início do século XX, no Brasil. Não podemos, portanto, desconsiderá-las ao analisar a sua estética objetivada na prosa de ficção.

Buscaremos, pois, em nossa investigação sobre a obra romanesca de Lima Barreto, seguir criteriosamente o que Carlos Nelson Coutinho (2001) adverte sobre a fortuna crítica daquele escritor. Ele coloca e discute, de maneira pertinente, a posição e o valor da obra de Lima Barreto dentro do campo intelectual brasileiro.

De acordo com o crítico, o modo pelo qual se processa a crítica sobre a obra de Lima Barreto acontece de duas formas. Em primeiro lugar, Carlos Nelson Coutinho analisa como o pensamento progressista brasileiro ainda está distante de uma correta e adequada reavaliação crítica de nossa própria herança cultural. Segundo, leva-nos a pensar como é interessante observarmos que a intermitência do prestígio e da influência do romancista em apreço pode ser tomada como claro indício do quadro geral apresentado, em cada época concreta, pela cultura brasileira.

Portanto, na tentativa de investigar a narrativa ficcional de Lima Barreto à luz da teoria lukacsiana do ser social, esperamos compreender melhor sua proposta estética e colocá-la em seu merecido lugar na literatura brasileira e na cultura de modo geral.

O LUGAR DO SER SOCIAL NA FICÇÃO BARRETIANA

Recordações do escrívão Isaías Caminha é um romance do escritor carioca Lima Barreto. Publicado em livro, pela primeira vez, em 1909, a narrativa em primeira pessoa desenvolve-se a partir da memória de Isaías Caminha, escrívão da Coletoria de Caxambi, no Estado do Espírito Santo.

O plano narrativo, portanto, acontece em dois momentos simultâneos em relação aos acontecimentos: no presente da elaboração da escrita do narrador Isaías Caminha e durante sua juventude na capital do Rio de Janeiro, estratégia que permite a ele, de vez em quando, tecer algumas reflexões aos fatos narrados.

O motivo que fez Isaías Caminha narrar as recordações de sua vida, ele próprio o revela no prefácio. Foi em virtude de um artigo preconceituoso que lera em uma revista. Assim se expressa:

Li-o a primeira vez com ódio, tive desejos de rasgar as páginas e escrever algumas verrinas contra o autor.

(...)

Mentalmente comparei os meus extraordinários inícios nos ministérios das letras e das ciências e os prognósticos dos meus professores de então, com este meu triste e bastardo fim de escrívão de coletoria de uma localidade esquecida.

Por instantes, dei razão ao autor do escrito. Cheio de melancolia, daquela melancolia nativa que me ensombrou nas horas de alegria e mais me deprime nas de desalento, acendi nervosamente um cigarro, fui à janela, olhei um momento o rio a correr e me pus a analisar detidamente os fatos de meu passado, que acabavam de passar pelos olhos. (BARRETO, 1995, pp. 18-19)

Acima, então, vemos o *leitmotiv* do romance: desconstruir a tese correte à época de que a incapacidade de inteligência e de progresso estava nas próprias pessoas negras. O discurso de Hippolyte Taine, que justificava a realidade natural e social estava na raça, no meio e no momento.

O propósito da narrativa de Isaías Caminha procura outra explicação, como uma espécie de antítese em relação a que estava em voga. O problema, então, encontra-se, não no indivíduo de cor, como pregava a literatura naturalista, mas nas relações sociais como declara lucidamente o narrador:

Cri-me fora de minha sociedade, fora do agrupamento a que tacitamente eu concedia alguma coisa e que em troca me dava também alguma coisa.

Não sei bem o que cri; mas achei tão cerrado o cipoal, tão intrincada a trama contra a qual me foi debater, que a representação da minha personalidade na minha consciência, se fez outra, ou antes esfacelou-se a que tinha construído. Fiquei como um grande pacote moderno cujos tubos da caldeira se houvessem rompido e deixado fugir o vapor que movia suas máquinas. (Idem. 1995, p. 19)

Nesse sentido, a perspectiva de Isaías ganha em profundidade, pois consiste em considerar as relações da vida humana em sociedade, embora compreendesse que a organização na qual estava inserido não permitisse às pessoas como ele desenvolver-se objetivamente. Assim,

parte da objetividade, da necessidade objetiva, das relações cotidianas em sociedade como forma de ressaltar sua subjetividade.

A estrutura interna da obra, em primeira pessoa, próxima da crônica, da sátira e com linguagem simples, corrobora com a pretensão do autor Lima Barreto de construir o caráter do personagem a partir de suas relações com a sociedade. Aqui, não estamos considerando o romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* como simplesmente um desabafo do autor ou uma literatura personalista, como costuma rotulá-lo a crítica.

Talvez, isso se deva, de um lado, ao intento do escritor de evidenciar-se diante do mundo enquanto sujeito pensante, político e ético, em resposta ao escritor naturalista que pretendia ocultar-se por detrás dos fatos narrados, com o objetivo da falsa objetividade superficial. De outro lado, há a possibilidade de Lima Barreto negligenciar a obra de arte na concepção corrente, apoiada na idéia da forma como princípio criador estético. Observemos o que o narrador declara sobre suas recordações:

Com isso, não foi minha tenção fazer obra d'arte, romance, embora aquele Taine que, certa vez, o doutor Graciliano, o promotor público, me deu a ler, dissesse que a obra d'arte tem por fim dizer aquilo que os simples fatos não dizem.

(...)

Perdoem-me os leitores a pobreza da minha narração.

Não sou propriamente um literato, não me inscrevi nos registros da livraria Garnier, do Rio, nunca vesti casaca e os grandes jornais da Capital ainda não me aclamaram como tal – o que de sobra, me parece, são motivos bastante sérios, para desculparem a minha falta de estilo e capacidade literária. (Idem. pp.19-20)

No primeiro momento, vê-se Isaiás Caminha se destoando da concepção estética que Taine defendia e era bastante difundida no Brasil. Em seguida, a modéstia e a ironia do narrador evidenciam a sua repúdia contra um modo de fazer literatura pautado na aparência universal de uma classe econômica: a aristocracia burguesa.

Nesse sentido, a nossa pretensão aqui é analisar de que forma o personagem Isaiás Caminha é construído esteticamente como a representação ontológica do ser social, num contexto específico que serve de referencial para Lima Barreto.

Segundo o filósofo húngaro Georg Lukács, “as formas de objetividade do ser social se desenvolvem, à medida que surge e se explicita a práxis social, a partir do ser natural, tornando-se cada vez mais claramente sociais” (LUKÁCS, 1972, p. 17). É justamente a partir da práxis social que Lima Barreto delinea seu narrador-personagem e justifica suas considerações a respeito da narrativa, no prefácio das recordações.

A construção estética de Isaiás Caminha se objetiva justamente com o papel social que ele cumpre na narrativa. A suposta felicidade que o personagem sentia na infância e

adolescência foi perdendo, pouco a pouco, o tom natural, para ganhar o significado de sociabilidade. Com isso, aquele sentimento dos primeiros anos é substituído gradativamente por certa angústia, melancolia, impotência.

Os tentáculos, ou “cipoal”, da sociedade que passa a conhecer, a partir da experiência cotidiana da realidade, envolve-o de tal maneira que ele se encontra impossibilitado de soerguer-se.

Graças a uma linguagem fortemente irônica e a estrutura interna da obra, que organiza a construção do enredo direto, desnudo de artificialidade formal, essa inoperância se traduz, para o leitor, como forma de desmascarar uma realidade camuflada, sob um aspecto moralista da aristocracia burguesa emergente de então.

É preciso entender que a proposta estética de Lima Barreto não pretende demorar-se na forma, a fim de justificá-la como finalidade última. O que importa para esse autor é o reflexo estético, no sentido de Georg Lukács (1968, p. 161), do ser social, inserido na dinâmica histórica. Esse fato evidencia a relação ontológica na perspectiva marxista, estudada pelo pensador húngaro (1972).

O nosso ponto de vista para a análise de Isaías Caminha não se desvencilha, entretanto, do significado que Antonio Candido tem sobre o personagem de ficção. Para ele, o enredo, o personagem e as “ideias” são:

(...) elementos [que] só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bem realizados. No meio deles avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. (CANDIDO, 1972, p. 54)

Tomando como base o que diz Antonio Candido acima, consideramos o romance em apreço bem realizado. Isso se deve ao imbricamento desses elementos para a composição da narrativa. Se levarmos em conta esse fato, bem como um estilo cuja linguagem se coaduna com a proposta estética do escritor, temos em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* uma poética que, na verdade, vai em contramão da que pensavam os puristas da forma.

Com a carta de recomendação ao deputado Castro, solicitando-lhe um emprego no Rio de Janeiro, Isaías Caminha anima-se com a possibilidade de tornar-se doutor. Esse título aparece, nesse momento da vida do personagem, como a tentativa de compensar a cor negra de sua pele. A hesitação do adolescente e a atmosfera de angústia da família ao saber da resolução dele corroboram para que a estrutura interna do enredo se desenvolva a partir do preconceito racial.

O personagem se mostra desde o início como um sujeito inteligente, sensível às coisas do mundo. No caminho para a Capital, depara-se com uma situação cotidiana inusitada para ele, o que lhe desperta curiosidade, mas não compreende ainda o significado por detrás da atitude do garçom, em tratá-lo de modo diferente em relação a outro rapaz, “alourado”.

Esses fatos mostram, nitidamente, um personagem integrado ao enredo e ao significado geral da obra. Isso é possível porquanto ele sai de seu refúgio natural para integrar-se na sociabilidade de maneira mais intensa, não só porque vai para uma cidade grande, cujas relações são mais complexas, mas, sobretudo, porque irá participar dos imbricados acontecimentos cotidianos, na condição de ser social que busca a sobrevivência.

Ao longo do enredo, portanto, as aspirações de um jovem inteligente vão se esgarçando no meio social corrupto e cruel. Logo na entrada do Rio de Janeiro, o contraste da paisagem natural com a paisagem social sugere ao leitor atento que tipo de sociedade espera pelo nosso desafortunado herói.

Nesse sentido, notamos que o perfil literário do personagem como ser social vai aos poucos se consolidando no contexto da obra. Esta, por sua vez, também se insere no contexto social em que vive o autor. Segundo Antonio Candido, o personagem “só adquire pleno significado no contexto e que, portanto, no fim de contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance” (CANDIDO, 1972, pp. 54-5). Depreende-se dessa passagem que o personagem é um ser fictício, uma vez que integra a construção estrutural do romance. O escritor, portanto, é quem traça seus limites, de modo que garanta a verossimilhança com o mundo real. Daí, ressalta Antonio Candido que o termo “ser fictício soa como paradoxo” (Idem. Ibidem. p. 55)

O paradoxo consiste na “relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem” (Idem. Ibidem. p. 55). Entretanto, o que garante a verossimilhança, que traduz, em arte, o sentimento de verdade, não é somente a semelhança, mas também a diferença entre eles, por se tratar justamente de obra de arte.

A diferença básica, entre o ser vivo e o ser fictício, está no fato de que aquele se submete a uma visão e a um comportamento fragmentário, diante da totalidade da vida; ao passo que, não ficção, o artista, na tentativa de imitar o ser vivo, constrói o personagem de forma racional e planejada. Por isso, Antonio Candido conclui a esse respeito o seguinte: “Daí a necessária simplificação, que pode consistir numa escolha de gestos, de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para a identificação do leitor, sem com isso diminuir a

impressão de complexidade e riqueza.” (Idem. Ibidem, p. 58). Portanto, a ênfase dada por Antonio Candido na criação do personagem está na estrutura interna da obra de ficção.

Se atentarmos, então, para a composição estrutural do romance *Recordações*, iremos perceber que ela evidencia um personagem, cujo significado representa o ser social que se identifica com o que é estudado, filosoficamente, por Georg Lukács.

De acordo com ele:

(...) o ser social – em seu conjunto e em cada um dos seus processos singulares – pressupõe o ser da natureza inorgânica e orgânica. Não se pode considerar o ser social como independente do ser da natureza, como antíteses que se excluem, o que é feito por grande parte da filosofia burguesa quando se refere aos chamados “domínios do espírito”. (LUKÁCS, 1972, p. 17)

111

Sem cair numa transposição simplista das leis naturais, como se utilizava a estética naturalista, percebe-se no romance barretiano um personagem integrado com a natureza. Entretanto, o processo histórico-social explicitado na narrativa pressupõe um avanço ontológico. Há, nele, no âmbito da objetividade estética, aquilo que Lukács fala sobre “a importantíssima transformação desse ser em-si num ser para-si.” (Idem. Ibidem. p. 17)

Comparemos dois trechos do romance, a fim de depreendermos a atitude objetiva do ser social, diante da paisagem natural e da social:

Evolava-se do ambiente um perfume, uma poesia, alguma coisa de unificador, a abraçar o mar, as casas, montanhas e o céu; pareciam erguidos por um só pensamento, afastados e aproximados por uma inteligência coordenadora que calculasse a divisão dos planos, abrisse vales, recortasse curvas, a fim de agitar viva e harmoniosamente aquele amontoado de coisas diferentes... O aconchego, a tepidez da hora, a solenidade do lugar, o crenulado das montanhas engastadas no céu côncavo, deram-me impressões várias, fantásticas, discordantes e fugidias...

(BARRETO, 1995, p. 30)

Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem beleza alguma. (Idem. Ibidem. p.31)

Nos fragmentos acima, Isaías assume um papel importante para a questão ontológica da diferença, que é, segundo Georg Lukács, “a oposição e a conexão entre fenômeno e essência”. (LUKÁCS, 1972, p. 25) Dessa forma, quando Lima Barreto põe o personagem frente às paisagens, sugere o ato teleológico do trabalho humano.

Assim, o segundo excerto representa, em relação ao primeiro, um avanço teleológico, uma vez que a natureza está modificada pelo trabalho. O problema consiste, todavia, na má disposição da cidade, construída sem planejamento e sem preocupação em oferecer à população condições de vida decente.

Do ponto de vista ontológico, o personagem barretiano é significativo porquanto está inserido sempre na particularidade objetiva da realidade. Entretanto, avança em relação ao cotidiano. Através do reflexo estético, o ser social ganha universalidade por representar a dignidade humana sufocada por um sistema que explora em nome da ganância e do poder. Nesse sistema, certamente, o preconceito racial se justifica, assim como outros mecanismos de repressão e de ideologia que fortalecem a classe dominante.

Não podemos desconsiderar, por isso, o contexto em que as *Recordações* foram publicadas. Isso porque concordamos com Janet Wolff, quando diz que:

As obras de arte não são entidades fechadas, contidas em si mesmas e transcendentais, mas o produto de práticas históricas específicas de grupos sociais identificáveis atuando em determinadas condições e, portanto, trazem a marca das idéias, valores e condições de existência desses grupos e de seus representantes, os artistas. (WOLFF, 1982, p. 62)

Dessa forma, o romance de estréia de Lima Barreto surge na contracorrente da ideologia uniforme de uma sociedade com pretensão de impor os valores burgueses em ascensão como universais. Para Lima Barreto, logo, a literatura cumpre uma função social. Na verdade, ela é um complexo, cuja mediação com a realidade revela-nos valores e faz-nos refletir sobre as atitudes e relações humanas.

Embora compreendamos que o complexo dos complexos é o trabalho, de acordo com a teoria marxiana, a arte corresponde a um complexo em que encontramos “indícios de tendências ontológicas à historicidade como princípio do próprio ser”. (LUKÁCS, 1972, p.39)

A forte objetividade do cotidiano presente na obra de ficção de Lima Barreto, a ponto de algumas partes da narrativa confundirem-se com crônicas da cidade do Rio de Janeiro, não desabona a presença de certa subjetividade. Mesmo em outra perspectiva, essa subjetividade também não é desconsiderada por Georg Lukács. Por isso, Nicolas Tertulian afirma que “a parte mais interessante da *Ontologia do ser social* é consagrada ao que poderíamos chamar de uma fenomenologia da subjetividade”. (TERTULIAN, 2007, p. 233)

Certamente, a subjetividade inerente ao ser humano assume perspectivas diversas no entrelaço com a objetividade do mundo. Esta está ligada diretamente à necessidade que, segundo as análises de Georg Lukács, possui caráter relativo e condicionado, o que garante o processo dialético com o sujeito singular. A respeito da necessidade em Lukács, Nicolas Tertulian comenta: “(...) se em um contexto determinado certo número de condições são reunidas, então o efeito daí decorrente possui um caráter necessário e irreversível.” (Idem. Ibidem. p. 225)

Ao observarmos, agora, a obra de ficção, iremos perceber que o escritor constrói, integrado à estrutura do enredo, todo um contexto de possibilidades verossímeis em que atua o personagem. Como cada obra tem seu contexto determinado, o de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* anuncia a necessidade do indivíduo em sobreviver e ser reconhecido numa sociedade que explora e discrimina.

Esse fato fica mais evidente no primeiro plano narrativo, em que Isaías Caminha passa por fortes privações num meio hostil para muitos e facilitador de privilégios para poucos. A partir do momento em que consegue um posto de redator no jornal *O Globo*, percebe-se o contexto pender mais para o lado das contingências.

O elemento contingente exprime as mudanças imprevistas em relação ao contexto, possibilitando a flexibilidade dos acontecimentos. Por isso, Nicolas Tertulian considera que: “A racionalidade dos acontecimentos não pode ser estabelecida senão *post-festum* e toda tentativa de inseri-la em modelos pré-estabelecidos (a partir de uma interpretação apriorista da racionalidade) só pode terminar em fracasso”. (Idem. Ibidem. p.226)

Nesse sentido, o rumo dos acontecimentos na narrativa em análise toma um caminho diferente. Por isso, ela se insurge frente ao que era posto como única verdade em termos de literatura no Brasil, até o início do século XX; a verdade da estética naturalista e positivista que compreendia a literatura com uma mera fotografia da realidade e de modo racionalista.

Não obstante Lima Barreto tenha vivido a atmosfera positivista no seu momento mais efervescente no Brasil, a sua obra se destaca devido à tensão geradora do conflito humano. Daí ela não ter sido reconhecida naquele momento, acusada de literatura “mal feita” e menor.

Assim, na segunda parte da narrativa das *Recordações*, a condição material de Isaías Caminha muda, mas permanece o tom crítico e irônico àquela sociedade. Tomando como ponto de partida a imprensa, o narrador-personagem lança mão de denúncias diretas a setores específicos da sociedade, relacionados diretamente ao poder.

O Globo é o nome fictício do jornal em que passa a trabalhar Isaías Caminha. Segundo a crítica, o autor faz uma referência ao *Correio da Manhã*. Fundado no Rio de Janeiro, em 1901, esse jornal tinha grande aceitação por parte do público, devido ao tom polêmico das notícias que veiculava. Nele figuravam importantes literatos e jornalistas da época.

Lima Barreto, entretanto, denuncia a prática sensacionalista do jornal, atrelada ao poder, e o interesse de seus redatores em ocupar cargos importantes no governo. A situação é criticada tão veementemente que a narrativa pende para a caricatura dos personagens. Esse recurso tem sua importância para a estrutura narrativa, uma vez que o autor se utiliza dos

próprios meios jornalísticos para desmascarar a prática pretensiosa da imprensa. Além do que, o riso, o humor e a ironia são armas retóricas a favor do escritor extremamente eficazes para desarmar e desestruturar um esquema fechado da alta imprensa e da ideologia dominante.

É importante notar que, não obstante o papel significativo da literatura e da arte de modo geral na luta das idéias, elas não são suficientes para instaurar uma transformação no sistema econômico de produção. Esse papel encontra-se no complexo dos complexos, segundo a teoria marxiana, que é o trabalho. Portanto, deverão ser os trabalhadores os atores principais da emancipação humana.

Assim, no âmbito da ficção, a atuação do narrador-personagem como ser social em um grande jornal, desde contínuo até redator, revela um cotidiano impregnado de corrupção, cuja projeção desvenda a estrutura da sociedade. No final, os cargos e privilégios são distribuídos por Ricardo Loberant, diretor de *O Globo*. Para Isaías Caminha, restou um cargo de funcionário público subalterno.

No plano da produção intelectual e artística, Lima Barreto, devido à particularidade do contexto sócio-histórico em que vivia, não podia ter em conta um personagem cuja prática social estivesse inserida num ambiente diretamente relacionado com a exploração da mão de obra operária. Isso porque as relações de produção capitalista, naquele momento, não estavam devidamente desenvolvidas no Brasil. Entretanto, não consideramos que o personagem principal seja a projeção individual do escritor, nem a obra de Lima Barreto represente apenas “os problemas pessoais de inadaptação e de revolta [que] se confundem ligeiramente com os problemas sociais”. (LUCAS, 1970, p. 63)

O fato de Lima Barreto ter sofrido “amargamente a discriminação racial” (Idem. Ibidem. p. 63), não desabona a sua obra de ficção. Não livra a sociedade em que viveu das atrocidades que deveras propiciava e, ainda, causa. Logo, a narrativa e o personagem não deixam de alcançar uma dimensão social que o próprio Fábio Lucas defende:

O ficcionista social, do nosso ponto de vista, será aquele capaz de representar nos seus tipos e heróis a perda unidade do homem, isto é, fixar aquele ser a quem roubaram horizontes, mas que aspira a ser íntegro numa sociedade que o mutila. Ao desvendar mecanismos ocultos, a personagem pode tanto estar encontrando a gênese de sua mutilação e denunciando-a, quanto se agregando a todos em igual situação para a superação do sistema que os coisifica e esmaga. Trata-se de instaurar uma consciência crítica. Georg Lukács procura mostrar que o problema é sair da causalidade para atingir a essencialidade. (Id. Ibid. p. 52)

É preciso levarmos em conta que o romance barratiano levanta alguns problemas até então inéditos na literatura brasileira. Entre eles, temos: 1) o problema individual do personagem se desloca para a organização dos homens no cotidiano de suas relações; 2) a evolução capitalista

do país, com a divisão do trabalho e a diversificação da produção, em contornos mais definidos, propiciou o surgimento da classe média como personagem; e 3) a angústia de um jovem negro letrado e pensante, consciente de sua solidão e impotência trágica, refletida na particularidade do cotidiano do ser social, avança, sim, da causalidade para a essencialidade, da necessidade para a contingência ou, ainda, do particular para o universal, a produção literária daquele momento.

Portanto, não podemos negligenciar o contexto histórico, se pretendermos compreender a representação social que um personagem de ficção alcança, na sua integridade estética. Por isso, Georg Lukács afirma:

A história é um processo irreversível; por isso, parece óbvio tomar como ponto de partida, na investigação ontológica sobre a história, essa irreversibilidade do tempo. Não há dúvida que se trata aqui de uma conexão ontológica autêntica. Se esse caráter do tempo não fosse o fundamento ineliminável de todo ser, nem sequer se poderia apresentar a questão da historicidade necessária do ser.

(LUKÁCS, 1972, p. 77)

Então, Isaías Caminha representa, no reflexo estético da obra literária, um ser social de seu tempo, em que encontramos a dialética da continuidade e da transformação das relações entre os homens em sociedade. Logo, a especificidade do ser social apreendida através da criação estética do personagem barretiano, encontra-se, segundo Lukács, na “duplicidade: a simultânea dependência e independência dos seus produtos e processos específicos em relação aos atos individuais que, imediatamente, os fazem surgir e prosseguir”. (Idem. Ibidem. p. 83)

Nesse caso, se é possível apontarmos certas limitações na obra de Lima Barreto, não podemos negar, porém, que ela cumpre a função social pretendida pelo escritor. Os “atos individuais, de seu personagem, que os fazem surgir e prosseguir” no enredo da narrativa, identificam-no como ser social e reflete a condição ontológica do homem frente as adversidades do mundo, num determinado contexto histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação do ser social, no romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, foi aqui analisada levando em consideração a ligação inextricável entre a estrutura da obra e o contexto em que ela foi produzida. Concordamos com Antonio Candido, quando defende seu ponto de vista sobre a análise literária:

(...) só podemos entender a integridade da obra fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como

causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (grifos do autor) (CANDIDO, 2000, p. 4)

Sem desconsiderar a intimidade da obra, a nossa análise interpretou que o fator social atuou na organização interna do romance barretiano, a ponto de dar-lhe significado estético específico. Entretanto, percebemos que esse elemento extrínseco não lhe forneceu somente a realização estética na concepção lukáciana, mas também agiu de maneira essencial para o significado global do romance em apreço, segundo ainda o valor estético para o filósofo húngaro.

Enfim, a linguagem direta, o estilo proposadamente desleixado, a presença da crônica, a caricatura, a ironia arrebatadora, o enredo, as ideias e, sobretudo, a representação do personagem, se insurgem, de modo abrupto, num contexto literário específico e particular da produção literária intelectual brasileira. Não deixa, pois, de veicular ontológica e ideologicamente as relações na dinâmica social e histórica.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

CANDIDO, Antonio. "A personagem do romance". In: CANDIDO, Antonio *et all*. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

_____. "Crítica e sociologia". In: *Literatura e sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T.A Queiroz Editor, 2000.

_____. "Os olhos, a barca e o espelho". In: *A educação pela noite*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COUTINHO, Carlos Nelson. "O Significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira". In: *Cultura e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCAS, Fábio. "O Caráter Social da Ficção". In: *O caráter social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

LUKÁCS, Georg. *Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1972.

LUKÁCS, Georg. *Introdução a uma estética marxista*. Trad.: Carlos N. Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TAVARES, Hênio. *Teoria da literatura*. 6ª Ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1978.

TERTULIAN, Nicolas. “O pensamento do último Lukács”. In: *Revista Outubro*. Instituto de Estudos Sociais. São Paulo, n. 16, 2º semestre, 2007.

WOLFF, Janet. “Arte com Ideologia”. In: *A produção social da arte*. Trad.: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.